

Mal Estar na cultura: diálogo com Freud, Herr Professor

Silvia Brandão Skowronsky¹

Resumo: Reflexões sobre os cem anos da psicanálise de Freud, legado fundamental e fundante, fonte de transmissão de conhecimento propício para pensar, na atualidade, sobre o *Mal Estar*. Atualizar a memória cria elo entre passado e futuro. Movimento que viabiliza representações, condição para narrativas singulares e historizantes. Construção psíquica que contém as marcas de nascença desde a biologia na complexa articulação com a cultura.

Palavras-chave: Desamparo. Inconsciente. Mal Estar. Psiquismo. Representação. Violência.

Existem muitos modos de estar no mundo. Além da diversidade, o modo de estar no mundo se altera, muda com o tempo. Há um século, a psicanálise de Freud descobriu que o humano é múltiplo e singular, e que o mundo é mais complexo do que alcançamos pensar. Freud apontou a possibilidade de transformação do desamparo humano em pensamento e história.

Há cem anos, Freud interrogou o conhecimento e o saber. Sistematizou seus achados a partir dos instigantes desafios demandados pelos sintomas das históricas. Fundou a psicanálise com a descoberta do inconsciente. Definido atemporal, condição da memória, do esquecimento, com a especial qualidade de significação *a posteriore*, de retrospectiva, *nachträglich*.

¹ Membro Associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre.

A psicanálise de Freud inaugurou uma concepção original e inédita, na qual se inclui a proposta da noção de psiquismo articulado entre o biológico e a cultura. Contém ambas as perspectivas, sua teoria do funcionamento psíquico constrói a ideia de um psiquismo capaz de trabalhar. Como o trabalho psíquico da elaboração onírica, de sintomas, na elaboração do luto, na capacidade de simbolização e de construção de representação psíquica.

A realidade psíquica é a marca humana da singular verdade vivencial, que afirma versão diferente da versão histórica, factual e material, essa condição situa que a verdade é multideterminada, perspectiva que descentra qualquer certeza. Eis a incerteza para indagação, para interrogação da análise do campo inconsciente.

A proposta freudiana da realidade psíquica, com a versão vivencial e singular, abre o tempo do inconsciente, especial marca daquilo experimentado, um limite do representável, ou do excesso, pensável ou não. Nesta perspectiva, quem fala não é quem diz. Quem é, nem sempre é quem pensa que é. Campo propício para as indagações com o método inventado por Freud.

Freud trabalhou cinquenta anos na construção da concepção teórica da psicanálise. A metapsicologia pode ser considerada como um mapa de cada época, pode ser estudada, revisitada, e revisada com a inclusão de novos conhecimentos.

A elaboração conceitual não se demarcou de uma só vez, gradativamente se complexizou. Nesse sentido, a cronologia nem sempre indicou avanço teórico, mas numa perspectiva dialética, a evolução do pensamento e do corpo teórico freudiano foi se articulando. Desenvolveu a concepção de inconsciente, da sexualidade infantil (teoria do narcisismo e do complexo de Édipo), e a teoria das pulsões com seus destinos, como o recalçamento e a sublimação. A concepção de psiquismo situa a importância da noção de representação.

A ideia de psiquismo supõe delicada construção. Envolvida com a sexualidade, articulada na experiência de satisfação, de um lugar narcisista para a vivência triangular, edípica, com os limites do interdito ao incesto, que introduz importantes leis humanas, de respeito às diferenças e de direitos partilhados. Lugar da ética da responsabilidade. O psiquismo, como uma marca de nascença contém o biológico, o herdado, o adquirido e o construído.

Freud, no decorrer de sua obra, indagou problemáticas que irradiavam desafios, para pensar soluções e respostas conceituais. Solucionou os desafios da neurose², modelo em que a elaboração psíquica e a representação com o

² Problemáticas da neurose: os sintomas neuróticos desafiam a construção de paradigmas e levaram à elaboração do modelo do sonho e a concepção da neurose, situando um lugar

recalque criam sonhos e sintomas; os desafios do traumático³; e os desafios da não neurose⁴, modelo que nasce da falha ou da falta de representação psíquica. Construção conceitual que organizou modelos e alguns paradigmas.

Resumindo, com Freud temos o tempo do inconsciente, que mediante a representação se faz revelável com a palavra; o tempo do trauma, expressão do excesso, com angústia que demanda elaboração, com a mediação psíquica; e o tempo do ato, expressão em ação sem representação. A procura de saber abre o tempo da pergunta!

Um grande desafio humano é saber viver o tempo, e, incluir o saber do tempo precedente⁵. Saber o valor de raízes e asas. Solucionar a questão da fome e do amor é um significativo esforço humano que cria contradições. Poder é uma problemática de outra natureza. A simbolização é um patrimônio da humanidade que inventa inúmeras soluções.

Os humanos nascem desamparados, despreparados e dependentes de cuidadores, chamados de mãe e pai, cuja função é alimentar com a experiência de viver em dois, em três, com o múltiplo, no mundo. É o infantil do humano, raiz que abriga as asas. Paradoxal dependência de um cuidador, pois dela nasce a capacidade de autonomia. A condição de desamparo atribui especial lugar ao materno e ao paterno na experiência infantil, demanda de um verdadeiro ninho criador, porque tem a potência de organizar recursos para a vida adulta, e contém o paradoxo das posteriores dificuldades e limitações.

Para Freud, o psiquismo foi construído desde o nascimento, a partir da condição de desamparo, apoiado nos cuidados do semelhante, na direção de complexidades adquiridas, cada vez maiores. Movimento que articula a experiência humana de uma dimensão biológica para uma dimensão psíquica, incluindo a dimensão da cultura. O humano é múltiplo e particular, um singular

central para a representação da pulsão sexual. Supõe a problemática do conflito intrapsíquico, da transgressão, e do recalque como destino da pulsão sexual. Pressupostos conceituais: inconsciente (representação e recalado), a sexualidade infantil (pulsão sexual, narcisismo e Édipo), e a transferência (repetição e atualização *a posteriore*).

³ A problemática da angústia: desafia porque inexistente representação, assim uma intensidade, um excesso, inunda o psiquismo, que fica incapaz de mediação psíquica. Pressuposto conceitual: o trabalho de elaboração e mediação psíquica realizado pelo ego, define a importância da representação psíquica e os efeitos do não representado.

⁴ A problemática da não neurose: desafio originado pela compulsão à repetição, um agir carente de representação, como um irrepresentável com risco destrutivo. Pressuposto conceitual: a concepção de pulsão de morte. A representação tem seus limites.

⁵ As influências dos antepassados, ou dos contemporâneos, provocam admiração e concordância ou aversão e críticas, e constroem a base das ações humanas transformadoras.

ser. A interação humana consigo mesmo e com o mundo desafia o equilíbrio psíquico. Paradoxo de recursos e fragilidades, condição propícia aos efeitos do aleatório, que abriga possíveis causas de mal estar humano.

Para dialogar com o mal estar vamos interrogar o tempo, que só pode ser apanhado numa narrativa. Um recurso é a memória, que nos leva em qualquer tempo vivido. Precisamos do contexto. A história contém o relato. Pensar as passagens do tempo situa um contexto, mesmo enquanto atualizada contém o antigo ainda presente.

Reflexões de Freud sobre o mal estar na cultura

O mal estar na cultura, hoje, conserva alguma relação com as reflexões de Freud em 1930? Com capítulos iniciados no outono de 1927, que chamou de *Infelicidade na Cultura*, Freud pergunta: porque é tão difícil para o ser humano conseguir a felicidade?

Descreve três fontes do penar humano: a potência da natureza; a impotência humana, na fragilidade cósmica e nos limites do corpo; e a insuficiência de normas para regular os vínculos recíprocos, nas famílias, no estado, na sociedade.

Em *Mal estar na cultura*, 1930, observa que grande parte da miséria humana tem relação com a cultura. O tema principal é sobre o irremediável antagonismo entre as exigências pulsionais e as restrições impostas pela cultura⁶. Considera que a pulsão sexual, em especial a sexualidade infantil, sofre os efeitos da obediência às imposições da cultura, já a violência escapa. Razão para abordar o tema na perspectiva da pulsão de morte.

O *Mal estar na cultura*, 1930, foi escrito no tempo da ascensão do nazismo, perto do tempo da Segunda Guerra Mundial, e no momento em que Freud está com câncer. No tempo que já dominava conceitualmente os fundamentos da psicanálise, apoiado no saber que construiu pouco antes de 1900, época do nascimento da psicanálise.

A psicanálise de Freud não se propõe a desenvolver uma visão de mundo, uma *weltanschauung*, que ele assim descreve:

Entendo que uma cosmovisão é uma construção intelectual, que soluciona de uma maneira unitária todos os problemas de nossa existência, a partir de uma hipótese suprema. Dentro dela

⁶ “O incesto é antissocial, a cultura consiste na progressiva renúncia a ele” (FREUD, 2000, p. 299).

nenhuma questão permanece em aberto, e tudo tem seu lugar preciso. Possuir uma cosmovisão está entre os desejos ideais dos homens (1932b, p. 146).

A psicanálise está inapta para a ideia de unicidade. Freud propõe a inclusão de complexidades, que encontram múltiplas articulações e inúmeras respostas, dificilmente enquadráveis em uma única solução, ou verdade.

No *Mal estar na cultura*, 1930, Freud não diferenciava civilização de cultura⁷. Define civilização como tudo que distingue o homem do mundo animal, tudo que o afasta de sua natureza. Significa emancipação da existência bestial. Civilização inclui o controle do homem sobre a natureza e o conjunto de regras e leis que organiza e rege os relacionamentos humanos. Cultura é, em síntese, o patrimônio da construção de invenções e soluções de progresso e a articulação complexa dos vínculos humanos. Cultura significa também as peculiaridades e idiosincrasias que marcam uma época.

Freud (1930) desenvolve a tese de que a cultura causa mal estar aos humanos, pois implica em renúncias. Afirma: “A liberdade individual nunca foi patrimônio da cultura” (p. 94). Pensa que “O poder da comunidade se impõe como direito sobre o poder do indivíduo. A substituição do poder do indivíduo pelo poder da comunidade, é um passo cultural decisivo” (Ibid., p. 94).

Ilustrou esse pensamento em 1913, no texto *Totem e tabu*. Freud descreve a origem evolutiva humana, um relato da passagem da natureza para à experiência de hominização. “No começo foi a ação” (p. 162). O pai da horda primeva canibal, dono de todas as fêmeas, foi morto pela revolta dos filhos excluídos, e devorado num ritual canibalístico. “Unidos, os filhos conseguiram fazer o que individualmente seria impossível” (Ibid., p. 143).

O parricídio marca a origem da civilização. Irradia efeito e consequência, que constitui uma organização social, quando introduz o totem, em homenagem ao pai morto, agora deificado e respeitado. O que impõe o mandamento ético, a obediência simbólica, o tabu do incesto, e a exogamia representando a ordem social, de respeito geracional e ao fraterno. São os pilares da civilização, definindo o roteiro do drama como distinto do roteiro da tragédia.

Do ato, com a violência, para a experiência com a sexualidade, na dimensão do horror do incesto, nasce a marca humana.

⁷ “Cultura designa a soma total de operações e normas que distanciam nossa vida da de nossos antepassados animais, e que servem com fins de proteção do ser humano frente a natureza e a para a regulação dos vínculos recíprocos entre os homens [...]” (FREUD, 1930, p. 88).

O nascimento da cultura impõe renúncia. As leis do tabu, com a proibição do canibalismo e do incesto, substituem o ato animal por uma perspectiva simbólica, privilégio humano, e lugar de obediência à lei. Freud coloca a civilização na perspectiva de proteção, de evitar o sofrimento e de oferecer segurança, mesmo que isto signifique colocar o prazer em segundo plano.

A ideia da cultura humana, na perspectiva de sujeito, supõe o caminho na direção do reconhecimento da alteridade, dimensão além de si mesmo, assim se inclui o coletivo e o social, como diferente de indivíduo, ou de individual, incluindo o múltiplo, a diversidade partilhável.

Esta passagem da filogênese, experiência da espécie humana com o crime primordial, (tragédia), Freud compara com o conteúdo da versão psíquica, na ontogênese. Com a experiência individual, na evolução da sexualidade infantil, perspectiva circunscrita ao (drama) complexo de Édipo e suas leis implícitas. Estabelece a proibição do incesto, o corte na simbiose e apresentação do terceiro, anunciando a exclusão edípica como um divisor importante, para marcar as diferenças, sem o significado de superioridade ou de inferioridade, típicos da lógica narcisista.

A renúncia infantil ao amor incestuoso abre a chance de crescimento para a vida adulta, na relação com a cultura, um importante caminho de liberdade, porém que não desobriga de renúncias futuras. Raízes e asas? Articulação complexa.

O roteiro do drama, com a mediação do simbólico, é, pois, distinto do roteiro da tragédia, que contém o funesto destino da violência, que insiste e demarca o destrutivo e a morte.

A contradição humana, para Freud, sempre será entre liberdade versus alteridade, igualdade de direitos, entre o poder individual e o poder coletivo. Ilusões partilhadas na obediência à lei.

Coloca que a questão crucial para a espécie humana é ser capaz de desenvolvimento cultural, que considera um dos destinos da pulsão sexual, quando alcança substituir o prazer direto, por substitutos, de dois modos: os destinos chamados de neuróticos, caminho dos sintomas, que são satisfações substitutas para desejos não realizados, ou como os sonhos, e o humor; e os destinos chamados de sublimatórios, campos da cultura e da ética humana. Dimensão que cria o partilhável, onde os neuróticos produzem sofrimento e sintomas. Pensa que a tendência por parte da civilização, em restringir a vida sexual, em especial a sexualidade infantil, implica na expansão do âmbito cultural. Na capacidade humana de produzir conhecimento, de movimento do concreto para o abstrato, de alcançar saber pensar.

Salienta que o mais problemático, questão difícil de dominar, são as perturbações provocadas pela carência de representação psíquica, condição propícia ao destrutivo⁸ (pulsão de morte), um *irrepresentado*, que é mudo, e se expressa em atos autodestrutivos, ou por atos de efeitos destrutivos na vida coletiva, como a hostilidade e a violência.

Pensa Freud (1930) que “a inclinação destrutiva é uma disposição pulsional, autônoma, originária no ser humano” (p. 117). “Sustento que a cultura encontra nela seu obstáculo mais poderoso.” “Essa pulsão destrutiva é ligada a pulsão de morte” (Ibid., p. 118) “É uma continuação no campo psíquico, daquele dilema de comer ou ser comido, que domina o mundo orgânico” (FREUD, 1932a, p. 103). “Por sorte, as pulsões destrutivas nunca estão só, e sim ligadas à pulsão erótica, que tem muito que mitigar e prevenir, diante das condições da cultura criada pelo homem” (Ibid., p. 103).

Freud considerava que o desenvolvimento humano obedece ao programa do princípio do prazer, que consiste em encontrar satisfação, como objetivo principal. Porém a integração entre os humanos, a adaptação à comunidade humana, são objetivos que se impõe como prioridade, frente aos objetivos de felicidade individuais. Especial efeito e lugar do interdito, mediado pela dupla parental⁹.

Assim, a contradição conflituosa, na experiência de desenvolvimento humano, está entre a demanda de felicidade, que é egoísta, e a demanda fraterna e de alteridade, união com os semelhantes, a vida em comunidade, o coletivo na fratria.

A cultura estabelece ideais com as suas exigências. Nesse sentido, a civilização é uma etapa necessária de desenvolvimento, desde a experiência na família (os ideais de ego são herdeiros do complexo de Édipo), até o âmbito da cultura, na vida em comunidade. A importância da sobrevivência, noção do transitório e da finitude relativizam as prioridades dos ideais de felicidade particulares.

⁸ “Nossa concepção atual pode ser assim enunciada: a libido participa na exteriorização da pulsão, mas nem tudo nela é libido” (FREUD, 1930, p. 117).

⁹ O princípio de prazer em *Dois princípios do funcionamento psíquico* (1911), Freud diferencia do princípio de realidade. O princípio de prazer domina os processos psíquicos primários. Refere: “A tendência principal destes processos primários se define como princípio de prazer” (p. 224). Em *Além do princípio de prazer* (1920), “na teoria psicanalítica adotamos sem reservas o suposto que os processos psíquicos são regulados automaticamente pelo princípio de prazer. Uma tensão desprazerosa o põe em marcha, para evitar o desprazer ou para produzir prazer” (p. 7).

A conclusão de Freud é que a demanda de segurança, de proteção, predomina sobre a demanda de prazer sexual. Razão para situar as proibições e os riscos de transgressão como neuróticos, relativos à pulsão sexual (Eros), porém, tudo que implicar em risco de vida significa a ameaça do destrutivo, violência, um irrepresentável, perspectiva da pulsão de morte. Por isto a demanda de segurança predomina sobre a sexualidade infantil, e sobre a demanda de prazer sexual quando implica em risco. Porém não exerce influência naquilo aquém de representação, justamente uma espécie de névoa impenetrável que cria riscos inesperados e imprevisíveis. Um ingovernável, como a violência.

Além disto, quando a satisfação da demanda destrutiva predomina, vem acompanhada de elevado grau de prazer narcisista¹⁰, que significa uma fuga da diferença. Onde não entra diversidade, dúvidas nem incertezas. Para Freud, esta qualidade constitui o maior impedimento à civilização. Lembro que as feridas narcisistas perturbam a questão de ser, (tema da humilhação e sujeição), é um valor que é diferente da questão de ter (tema do desejo e da proibição).

A evolução da civilização implica numa luta entre Eros, pulsão de vida (representável), com o destrutivo da violência, da pulsão de morte,¹¹ que é muda, carente de representação, ou um irrepresentável. Tese que situa os limites da representação na perspectiva das fragilidades humanas.

O homem civilizado prioriza a segurança, estar vivo. Sabe das fragilidades humanas e da importância do reconhecimento da alteridade, então troca uma parcela de suas possibilidades de felicidade, por uma posição que implica na obediência e renúncia. A renúncia impõe restrições à sexualidade e restrições à violência do destrutivo da pulsão de morte. Tudo que escapar gera riscos.

A tese de Freud no mal-estar da cultura se apoia nas impossíveis renúncias, campo dos limites da representação psíquica. Aquilo que excede e escapa, no excesso que se expressa em risco e violência. O antigo presente no novo, de novo, o eterno retorno da violência, observável no mal estar na cultura, ainda hoje.

¹⁰ Green (1986) ensina a pulsão de morte na perspectiva de um narcisismo de vida e um narcisismo de morte. Laplanche (1991) ensina a pulsão de morte na perspectiva de uma pulsão sexual de morte em contraponto a uma pulsão sexual de vida.

¹¹ Derrida em seu livro *O mal de arquivo* (2001), um estudo sobre a pulsão de morte de Freud, elabora uma interessante perspectiva, quando considera a pulsão de morte como um mal de arquivo, inarquivável, pois não contem os requisitos da representação, para ser esquecido ou pensável.

Violência, força que escapa da civilização?

A violência é um excesso. Será um novo sintoma? Precisamos gerar novas categorias para pensarmos?

As comunicações rápidas e simultâneas dos acontecimentos abrem o tema do excesso. No tempo de hoje, esta condição altera a concepção de padrões únicos de comportamento. Isto gera uma revolução? Como a de Copérnico, que nos descentrou do lugar de centro do universo. Como a de Darwin que nos coloca na cadeia evolutiva do mundo animal. Assim como a revolução da psicanálise, que propõe o mundo psíquico inconsciente, que nos descentra do lugar de donos de si mesmo. Quem penso que sou não significa diretamente quem sou. Revoluções que humilharam a soberba da verdade e da certeza.

O valor de uma época, de um tempo, pode significar um desvalor em outra. Ensina Freud (1921) que: “A massa aparece como um renascimento da horda primordial. Assim como o homem primordial se conserva em cada indivíduo, de igual modo a horda primordial se restabelece a partir de uma multidão de seres humanos” (p. 117).

Em 1930, afirma Freud que:

O programa da cultura se opõe à pulsão agressiva de todo ser humano. Esta pulsão de agressão é uma marca e principal preposto da pulsão de morte que descobrimos junto com Eros, com quem comparte o governo do universo. O desenvolvimento cultural nos ensina sobre a luta entre Eros e morte, pulsão de vida e pulsão de destruição, intrínseca à espécie humana (p. 118).

O enunciado, de que o processo cultural equivale à modificação pulsional experimentada no processo de viver, é uma ideia que interroga o trabalho humano de construção da cultura, neste caminho entre um saber culto, com aquisição de conhecimento, superando um não saber da ignorância, ao qual é inerente um possível descontrole da barbárie. Campo da violência.

Historicamente, a figura do pai centralizava as orientações e a lei, lugar do terceiro, caminho da cultura. O eixo das identificações se modifica no tempo de hoje? Novas complexidades introduzem variáveis inéditas, com as novas configurações familiares, ainda faz falta uma bússola?

Para Freud, a bússola se representa por um caminho percorrido, do biológico ao psíquico, e na inclusão da cultura, o caminho de Narciso a Édipo, e a possível construção almejada sobre essa travessia. Para a psicanálise, seria alcançar o

recurso psíquico, instrumento capaz, para saber realizar a complexa articulação entre o biológico e a cultura.

Neste caminho, o grande desafio são os alcances e os limites psíquicos em saber de si. O ponto de articulação para saber pensar. Muitas vezes a conclusão poderá estar no limite do saber, de saber representar! O problemático é quando excede o limite do saber representar por excesso ou por irrepresentabilidade. Um mal de arquivo¹².

A violência e a rapidez de informações predominam como excessos no tempo atual. O inesperado e o imprevisível dificultam a reflexão. Pontos possíveis de tensão criando mal estar na cultura hoje. Existirá hoje uma quebra dos laços humanos dialogáveis? Condição que introduz a intolerância.

Parece que o mal estar atual ainda se expressa especialmente com os atos de violência! O destrutivo! Na civilizada raça humana, ainda se faz presente muitos atos de violência, atos de racismo, atos de preconceito. Dialética entre consciência e alienação perturbada, especialmente pelo fascínio por ideologias. A hostilidade introduz a problemática da intolerância.

Existe a violência da fome, das guerras, a violência no ato de julgamento, sobre a cor, da opção sexual, da religião, do diferente. O que pensar dos sistemas que cultivam o ódio, incitam atos destrutivos, inclusive os sistemas religiosos?

Ignorar o que se afasta do próprio modo habitual de conceber o mundo significa indiferença. Indiferença é o contrário do amor. Um menosprezo, menor valor e desprezo não contém apreço. Indiferença é a marca que desconhece a diferença, e a alteridade. Cria intolerâncias. Nesse sentido, o diferente é um inimigo. O que pensar sobre a ideia que diferente significa melhor ou pior, como se existisse uma qualidade na diferença, em vez da ideia de distinção, de diversidade, o múltiplo.

As categorias: melhor ou pior, bom e mau, belo e feio, certo e errado, tudo ou nada, também são invenções humanas perniciosas, uma violência? Lógica binária típica do narcisismo, reducionista ao preto e branco, impede de incluir as múltiplas cores que compõem um arco-íris.

Desmascarar as ilusões e preconceitos humanos para repensar significados de algumas verdades absolutas, de valores e ideais contrários à dignidade humana, convoca-nos a um atento trabalho de indagação, sobre discursos ideológicos preconcebidos e autoritários.

¹² Derrida define assim a pulsão de morte, em seu livro *O mal de arquivo* (2001), em que examina profundamente o tema da pulsão de morte e a designa como um mal de arquivo.

Poderíamos pensar que a violência surge quando existe uma crise de ideais. Declínio que produz um vazio normativo na trama da cultura. E no nosso tempo?

Será um desafio a proposta de igualdade mediada com ética, na irrestrita obediência à lei? Qual será o caminho para zelar a herança humana compartilhada, e as necessidades coletivas, calibrando a intolerância, e a destrutiva crueldade da violência. Recuperar os ideais?

Lembro que Freud propôs: o ideal do ego é o herdeiro do complexo de Édipo, por isto um importante ordenador simbólico, quando a autoridade é internalizada. Nascido na humana experiência infantil, com a responsabilidade parental, numa insubstituível função estruturante do espaço da ética da responsabilidade. O transmitido e o construído, assim um adquirido. Um lugar da cultura dentro do psíquico introduz a capacidade de responsabilizar-se pelos próprios atos.

Bauman (2001) descreve a *Modernidade líquida*, expressão que caracteriza o provisório e o descartável, em nosso tempo, com significado de descaso, o que é diferente daquilo que é transitório do viver humano, como a finitude. O humano é múltiplo e singular, precisa de raízes e asas, do tempo, e de lugar para abrigar a ética. Chamaria de ética da responsabilidade.

Acredito na psicanálise porque descobriu que viver é muito mais que simplesmente sobreviver, existir, ou durar, como na categoria biológica. Essa é a marcante diferença entre os humanos e os demais seres vivos do planeta. Inteligência e engenhosidade de complexidade psíquica, e capacidade de encontros transformadores.

A marca humana inventa, modifica e transforma a existência concreta numa experiência simbólica, pensável, e compartilhável. Uma história vivencial é um particular, que poderá ser compartilhado como experiência humana, mas ainda uma universal condição.

Exemplos de temas humanos conhecidos e partilháveis: desamparo, solidão, transitoriedade, finitude, violência, ódio, homicídio, autodestruição, humilhação, loucura, alegria, felicidade, amor, inclusão, exclusão, intolerância, diferença, diversidade, semelhança, poder, saber, etc.

Humana marca de nascença: o desamparo

O desamparo humano, originária condição que demanda cuidado e zelo, contém um paradoxo na possibilidade de organizar recursos e na possibilidade de incapacidades que irradiam sofrimento, autêntica vulnerabilidade ao excesso.

São as fragilidades humanas que produzem impotência, ativando de novo o desamparo, que possivelmente contém a raiz de violências.

Lembro Freud que propõe o modelo do traumático e postula: que a não mediação psíquica inunda o psiquismo de intensidades sem representação, significa um excesso. É a insuficiência de recursos, de processamento, para criar representação. O acontecimento excede, e o não significado gera angústia. Eis os limites. Seria o excesso uma das prováveis causas do mal-estar atual?

O representável e o irrepresentável (carente de representação) organizam recursos diferentes, significando a distância entre o equilíbrio de pensar e a pressão do agir. Como a expressão em ato, que é sem capacidade de pensamento ou de simbolização.

Freud demarca a diferença: a angústia diante de demandas de intensidades, que desafiam por situações limites, que implicam na experiência de risco de vida, são muito diversas daquelas tipicamente envolvidas com os riscos de proibições, da pulsão sexual, princípio de prazer e capazes de representação¹³.

Desde *Totem e tabu* de 1913 que Freud considerou possível o processo de civilização neutralizar a violência e o destrutivo, o ato, mediante a capacidade de simbolização, com o recurso de representação, uma utilização de complexidades psíquicas.

Precisou reformular quando descobriu a compulsão à repetição, vinculada ao nunca representado, por isto um destrutivo, que gerava ato em vez de representações ou simbolizações pensáveis, chamou de pulsão de morte.

Será o nosso tempo atual um campo propício à simbolização? Ou estimulante de atos, ações de descarga sem mediação psíquica, típica expressão do mal-estar frente aos efeitos do que denominamos de excesso, ou de violência.

Tudo que escapa do trabalho psíquico de elaboração, via representação no trabalho da mediação psíquica, que constrói o caminho de simbolização, tem expressão em ato. Distinto das capacidades de sonho, lapsos, transferências ou sintomas neuróticos. Atos implicam em riscos que, associados ao mal-estar com os efeitos da vigência atual de violência, representam ameaças ao equilíbrio psíquico e à integridade física dos humanos. Com o passar do tempo, um novo contexto expõe antiga polêmica, a vigência da violência. A humana violência que escapa e excede o pensar!

¹³ Da *traumdeutung* significa figuração deformada tranquilizadora, o sonhar, para a observação da repetição de situações penosas. O que carece de representação carece de desejo, mas repete a reincidência do não significado (representado) daquilo não figurado.

Para concluir, afinal, tudo igual e tudo diferente. Naturalmente, nossa ideia de futuro nasce da ilusão. É quando paramos para refletir sobre o cotidiano. O igual e o diferente nos constroem com complexidades.

O tempo é imutável e inexorável, mas nós humanos mutantes criativos, portadores de ilusão, então vencemos o tempo. Por um tempo. O tempo de inventar e viver a versão da história para noutro tempo contar a história, nossa própria versão, povoada com memórias indestrutíveis, algumas indescritíveis... cada uma de um tempo... No inconsciente sem tempo e ao mesmo tempo, não importa que o tempo passe, a gente não esquece, volta lá mesmo que o tempo passe. Mas não convém perder tempo, pois nosso tempo na vida termina. O tempo, este continua...

Freud ensinou que a turbulência não é indesejada, eis o valor das formações do inconsciente, tudo aquilo que excede, irrompe e altera o sentido, aquele que a consciência pretenda atribuir aos acontecimentos, são desafios para o recurso humano de simbolização, para construir representações. Preocupante é o que não se esgota, e ainda nos exige trabalho de representar o que não se representa, essa pulsão de morte, muda, irrepresentável, insiste em mostrar mas nunca em dizer com palavra. Restam muitas perguntas, indagações em aberto. Conhecimento por construir, ainda é tempo de perguntas?

Não existe paraíso, o saber nos expulsou, mas e a ignorância? Essa nunca terminamos de conhecer, ou erradicar. O tempo sempre nos excede! E ainda existe esse mal de arquivo!

The discontent in culture: dialog with Freud, herr professor

Abstract: Reflections on the centenary of Freud's psychoanalysis, a fundamental and foundational legacy, a means of transmitting knowledge that is appropriate to think, today, about the discontent. Updating the memory creates links between the past and the future. A movement that enables representations, a condition for singular and historicizing narratives. A mental construct that contains the birthmarks since the biology in the complex articulation with culture.

Keywords: Discontent. Helplessness. Psyche. Representation. Unconscious. Violence.

Referências

- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- FREUD, S. (1911). Dois princípios do acontecer psíquico. In: **Obras completas**. v. 12. Buenos Aires: Amorrortu, 2001.
- _____. (1913). Totem e tabu. In: **Obras completas**. v. 13. Buenos Aires: Amorrortu, 2001.
- _____. (1920). Além do princípio do prazer. In: **Obras completas**. v. 18. Buenos Aires: Amorrortu, 2001.
- _____. (1921). Psicologia das massas e análise do ego. In: **Obras completas**. v. 18. Buenos Aires: Amorrortu, 2001.
- _____. (1930). Mal estar na cultura. In: **Obras completas**. v. 21. Buenos Aires: Amorrortu, 2001.
- _____. (1932a). Conferência 32: angustia y vida pulsional. In: **Obras completas**. v. 22. Buenos Aires: Amorrortu, 2001.
- _____. (1932b). Conferência 35: em torno de uma cosmovisão. **Obras completas**. v. 22. Buenos Aires: Amorrortu, 2001.
- _____. Manuscrito N. In: **Obras completas**. v. 1. Buenos Aires: Amorrortu, 2000.
- GREEN, Andre. **Narcisismo de vida e narcisismo de morte**. Buenos Aires: Amorrortu, 1986.
- LAPLANCHE, Jean. A pulsão de morte na teoria da pulsão sexual. In: **A pulsão de morte**. Buenos Aires: Amorrortu, 1991.

SILVIA BRANDÃO SKOWRONSKY
Rua Tobias da Silva, 120 / 513
90570020 Porto Alegre – RS – Brasil
e-mail: skow@terra.com.br